

3

As definições de sujeito

Embora não pareça, a definição de *sujeito* apresenta algumas dificuldades quando se procura um estudo mais aprofundado dos fenômenos sintáticos. Diante disso, procurei fazer um apanhado da literatura a respeito desse termo de acordo com os estudos tradicionais e com alguns autores que não trabalham segundo essa linha, embora se perceba também neles aspectos ditados pela linha tradicional. Da abordagem estritamente formal à consideração envolvendo algum aspecto semântico, esbarramos na falta de completude das definições, algo que dificulta a reflexão.

Celso Cunha e Lindley Cintra (2007) têm uma visão bem tradicional de sujeito, apresentando-o, assim como o predicado, como *termo essencial* da oração. O sujeito é visto como “o ser sobre o qual se faz uma declaração” (p. 136). O sujeito pode ser representado, na 1ª e na 2ª pessoa pelos pronomes pessoais *eu* e *tu*, no singular, e por *nós* e *vós* (ou combinações equivalentes: *tu e ele*, *eu e tu*...) no plural. Os sujeitos de 3ª pessoa podem ter como núcleo (*Ibid.*, p. 138 – 140):

- a) um substantivo:

Matilde entendia isso. (p. 138)

- b) os pronomes pessoais *ele*, *ela* (singular); *eles*, *elas* (plural):

*Estavam de braços dados, **ele** arrumava a gravata, **ela** ajeitava o chapéu.* (p. 139)

- c) um pronome demonstrativo, relativo, interrogativo, ou indefinido:

***Tudo** parara ao redor de nós.* (p. 139)

- d) um numeral:

*Os **dois** riram-se satisfeitos.* (p. 139)

- e) uma palavra ou uma expressão substantivada:

*O **por fazer** é só com Deus.* (p. 139)

- f) uma oração substantiva subjetiva:

*Era forçoso **que fosse assim**.* (p. 140)

Os autores delinham quatro classificações para o sujeito e trabalham a noção de *orações sem sujeito*. São propostas as seguintes classificações (*Ibid.*, p. 140 – 144):

1) Sujeito simples: possui um só núcleo; o verbo se refere a um substantivo, a um pronome, a um numeral, a uma oração substantiva ou a uma palavra substantivada. Todos os exemplos acima possuem sujeito simples.

2) Sujeito composto: tem mais de um núcleo e pode ser constituído de:

a) mais de um substantivo:

As vozes e os passos aproximam-se. (p. 140)

b) mais de um pronome:

Ele e eu somos da mesma raça. (p. 140)

c) mais de uma palavra ou expressão substantivada:

Falam por mim os abandonados de justiça, os simples de coração. (p. 140)

d) mais de uma oração substantiva:

Era melhor esquecer o nó e pensar numa cama igual à de seu Tomás da bolandeira. (p. 141)

3) Sujeito oculto (determinado): não vem materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado. A identificação é feita (p. 141):

a) pela desinência verbal:

Ficamos um bocado sem falar.

b) pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo:

Soropita ali viera, na véspera, lá dormira; e agora retornava a casa.

4) Sujeito indeterminado: acontece quando o verbo não se refere a uma pessoa determinada, não sendo possível identificar quem executa a ação, por desconhecimento ou por não haver interesse. O verbo aparece:

a) ou na 3ª pessoa do plural:

- ***Reputavam**-no o maior comilão da cidade.* (p. 142)

b) ou na 3ª pessoa do singular, com o pronome *se*:

*Ainda **se vivia** num mundo de incertezas.* (p. 142)

Quanto à oração sem sujeito, Cunha e Cintra postulam que não se deve confundi-la com o sujeito indeterminado, que existe.

Segundo eles, eis os principais casos de orações sem sujeito:

a) com verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza:

***Anoitecia** e tinham acabado de jantar.* (p. 143)

b) com o verbo *haver* na acepção de “existir”:

*Ainda **há** jasmins, ainda **há** rosas (...)* (p. 143)

c) com os verbos *haver*, *fazer* e *ir*, quando indicam tempo decorrido:

*Morava no Rio **havia** muitos anos, desligado das coisas de Minas.* (p.144)

d) com o verbo *ser*, na indicação do tempo em geral:

***Era** inverno na certa no alto sertão.* (p. 144)

Evanildo Bechara, na *Moderna Gramática Portuguesa* (2001) considera que o sujeito é a “unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal” (p. 409). Desse modo, Bechara considera o sujeito em sua realidade formal: a existência de um termo nominal de natureza substantiva que estabelece com o predicado uma relação de concordância. O autor deixa claro ainda que esse termo nominal serve para explicitar lexicamente o sujeito gramatical, que já aparece expresso na desinência verbal. Ao considerar o sujeito como uma noção gramatical, e não semântica, fica clara a importância da forma, confirmada pela afirmação de que a posição normal do sujeito é à esquerda do predicado. A explicitação do sujeito pode ocorrer segundo os parâmetros a seguir (*Ibid.*, p. 410):

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem, criança, sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. (...)

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde*) ao seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há particípio no predicado) (...)

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem?* (aplicado a seres animados) *que? o quê?* (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

Na *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2001), **Rocha Lima** considera o sujeito como um termo básico da oração, ao lado do predicado, sendo “o ser de quem se diz algo” (p. 234). O sujeito é expresso por um substantivo sozinho ou por um substantivo acompanhado de determinantes. Rocha Lima explica os tipos de sujeito e cita as orações sem sujeito (*Ibid.*, p. 235 e 236):

Quando apresentar um só núcleo, o sujeito é *simples*; havendo mais de um núcleo, chama-se *composto*. (...)

O sujeito ainda pode ser *determinado*, ou *indeterminado*.

É *determinado*, se identificável na oração – explícita ou implicitamente; *indeterminado*, se não pudermos ou não quisermos especificá-lo.(...)

Pode dar-se o caso de a oração ser destituída de sujeito: com ela, referimo-nos ao processo verbal em si mesmo, sem o atribuímos a nenhum ser. (...)

São orações sem sujeito – entre outras – as que denotam fenômenos da natureza (*chove, trovejou ontem, anoitece tarde durante o verão*) e as que têm os verbos *haver, fazer, ser*, empregados impessoalmente em construções como as seguintes:

Há grandes poetas no Brasil.

Fazia muito frio naquele mês.

Fez ontem três anos que ele se doutorou.

Era ao anoitecer de um dia de novembro...

Seriam talvez duas horas da tarde.

Hoje são 22 de outubro.

Rocha Lima escreve ainda sobre a colocação do sujeito: à esquerda – ordem direta; depois do verbo – ordem inversa.

Paralelamente aos estudos tradicionais, **Azeredo**, em *Fundamentos de Gramática do Português* (2000), trabalha a noção de sujeito mais proximamente dos pressupostos da gramática de valências, embora os aspectos formais sejam os mais relevantes, particularmente, a concordância do sujeito com o verbo. Importante contribuição é dada pelo autor em questão quanto ao papel semântico do sujeito, que abriga noções compatíveis com o conteúdo dos verbos. Mesmo a questão semântica não sendo determinante para a caracterização do sujeito, o fato

de ele ser compatível com as exigências do verbo provoca determinadas restrições, tendo como principal referência os traços [+/- animado].

Para o autor, sujeito e predicado são noções fundamentadas no sintagma nominal (SN) e no sintagma verbal (SV) (*Ibid.*, p.159):

O SN tem a função de sujeito, e o SV tem a função de predicado. Sujeito e predicado são, portanto, considerados termos essenciais da oração. Entretanto, se quisermos ser mais precisos, devemos dizer que somente o predicado é essencial, pois pode haver orações sem sujeito, formadas por verbos impessoais (*Choveu durante a noite toda; Havia duas maçãs na fruteira*), mas não pode haver orações sem predicado.

Além de escrever sobre sujeito, Azeredo considera o verbo e as estruturas envolvidas no predicado. São distintas quatro classes (*Ibid.*, p. 171):

- verbos que recusam sintagmas nominais (*chover, amanhecer, trovejar*) – impessoais intransitivos;
- verbos que se constroem com apenas um sintagma na função de sujeito (*morrer, nascer, chegar, surgir, correr, brilhar*) – pessoais intransitivos;
- verbos que se constroem com dois sintagmas, um na função de sujeito e outro na função de complemento, este algumas vezes facultativo (*acompanhar, resumir, gostar, escrever, concordar*) – transitivos diretos ou indiretos;
- verbos que se constroem com três sintagmas, um no papel de sujeito e dois no papel de complemento (*dar, entregar, oferecer, chamar, nomear, transformar*) – bitransitivos. (...)

Se um verbo forma uma oração ao lado de um SN, a regra é que esse SN seja o sujeito da oração; as exceções a essa regra são representadas por verbos como *haver, fazer e ser* nas seguintes frases: *Havia duas maçãs na fruteira, Faz dois anos que eles se casaram e São dez de março.*

Depois dessa classificação preliminar dos verbos em quatro classes, o sujeito é visto em relação ao conceito de valência, apesar de o critério formal prevalecer (*Ibid.*, p. 172):

Está visto, portanto, que o verbo ocupa o centro da construção da oração, e que à volta dele – como se dele irradiassem – existem posições estruturais a serem preenchidas pelos sintagmas. A classe e o conteúdo desses sintagmas dependem do verbo, que os seleciona. Um verbo como *dizer*, por exemplo, é construído obrigatoriamente com dois SNS e opcionalmente com três SNS (*Manuel(1) disse um segredo(2) a Maria(3)*). Por sua vez, esses SNS não são de livre escolha: o SN sujeito (1) refere-se necessariamente a um ser humano, o SN objeto (2) refere-se necessariamente a uma mensagem verbal, e o terceiro SN (3), opcional, refere-se normalmente também a um ser humano. Chama-se de *valência* de um verbo ao conjunto das posições estruturais que irradiam desse verbo, como o conjunto (1, 2, 3) relativo ao verbo *dizer*. (...)

O argumento que mantém com o verbo uma relação de concordância é o sujeito (...).

Mario Perini é outro que atua paralelamente à teoria tradicional e isso transparece mais de uma vez na *Gramática Descritiva do Português* (2007). Na

definição de sujeito, Perini se embasa nos aspectos formais, excluindo aspectos semânticos. O critério para a definição do sujeito é a sua concordância com o verbo, é a questão formal que interessa, o sujeito é visto como um aspecto de organização formal da oração. Assim como não interessam os aspectos semânticos, são postos de lado também os aspectos pragmáticos. Segundo ele (p. 77 e 78):

Sujeito é o termo da oração que está em relação de concordância com o NdP⁵. (...) É uma definição formal e não diz nada a respeito do papel semântico ou discursivo do termo em questão; em outras palavras, não estamos preocupados com o termo que exprime o agente de uma ação, nem com o termo que exprime a entidade sobre a qual se faz uma declaração. Trata-se simplesmente de um dos constituintes da oração, vinculado a ela através de uma relação formal bem definida. A função de sujeito é um dos aspectos da organização formal da oração, e não um dos aspectos da mensagem veiculada pela oração.

Com essa definição, Perini exclui toda consideração de sujeito que não tenha um termo explícito em concordância com o verbo, segundo ele, núcleo de qualquer predicado. O sujeito desinencial (ou oculto) e o indeterminado, por conseguinte, não são considerados sujeitos. O autor escreve o seguinte (*Ibid.*, p. 78):

Observe que a definição adotada de “sujeito” nos obriga a analisar como sem sujeito frases do tipo

(70) Vendi meu jegue.

A solução tradicional é considerar que há aí um “sujeito oculto”; no entanto, essa análise é inconsistente com a definição de sujeito como termo que está em relação de concordância com o verbo.

Entre as principais dificuldades que encontramos nas definições de *sujeito*, está o fato de determinadas noções participantes do mesmo processo não aparecerem no mesmo capítulo em que se trabalha esse termo da oração. É o caso do *sujeito paciente*, que só é desenvolvido no capítulo de vozes verbais, na abordagem da *voz passiva*, isso acontece em qualquer livro de gramática. As definições correntes de *sujeito*, sendo de cunho tradicional ou não, só o consideram em relação à *voz ativa*. Entretanto, a noção de *sujeito* na *voz passiva* é importante, especialmente, no que diz respeito à posição na oração, como será exposto mais adiante. Outro problema que identificamos é que a maioria dos compêndios de gramática não inclui na seção de sujeito o *sujeito oracional*,

⁵ Núcleo do predicado

desempenhado por uma oração subordinada, que pode ser desenvolvida ou reduzida, sendo que sua natureza é a mesma de um sujeito desempenhado por um substantivo, mudando só a maneira de exprimir esse sujeito. Problemática também é a ênfase dada à ordem do sujeito, à esquerda do verbo. Essa ênfase de alguns autores considera que, quando o sujeito aparece à direita do verbo, ocorre a ordem inversa na oração; porém, a ordem natural do sujeito oracional e do sujeito paciente na voz passiva sintética é à direita do verbo, bem como com o verbo *existir*, como comprovam os exemplos a seguir, retirados de Cunha & Cintra (2007):

Valeria a pena discutir com Benício? (p. 140) → sujeito oracional

Aumentou-se o salário dos gráficos. (p. 163) → passiva sintética/ sujeito paciente

Existem tantas folhas pelas calçadas! (p. 554) → sujeito do verbo *existir*